

**Teatro de Luís de Camões. Prefácio, fixação de texto e notas de Sérgio Guimarães de Sousa, Porto, Assírio & Alvim, 2024, 392 pp.**

Micaela Ramon  
ELACH/CEHUM – UMinho  
micaelar@elach.uminho.pt  
ORCID – 0000-0003-2193-4075

No ano em que se comemoram os 500 anos do nascimento de Camões, diversas iniciativas editoriais têm sido lançadas em torno da sua multifacetada obra. Entre elas, destaca-se a magnífica edição crítica de *Os Lusíadas*, organizada por Rita Marnoto e publicada em dois volumes pelo Centre International d'Études Portugaises de Genève, sendo um dos volumes dedicado a um minucioso estudo crítico, com mais de 500 páginas, que aborda questões relativas à *editio princeps* do poema épico camoniano. Outra publicação notável é *Camões. Uma antologia*, da autoria de Frederico Lourenço e lançada pela Quetzal, na qual o antologador busca homenagear Camões ao apresentar aos leitores contemporâneos “as passagens mais brilhantes de *Os Lusíadas* e das *Rimas*, com um comentário ao mesmo tempo acessível, erudito e ousado” (conforme se lê na contracapa do volume). Também merece destaque a reedição de poemas líricos emblemáticos de Camões, colocados em diálogo com produções literárias de outros autores e épocas, como em *Babel e Sião*, obra publicada pela Guerra & Paz, que articula as célebres redondilhas camonianas “Sóbolos rios que vão” com o salmo que as inspirou, e com escritos ficcionais e críticos de Jorge de Sena motivados por essa composição. Todas estas publicações, dirigidas a públicos variados e com diferentes objetivos, têm contribuído para a renovada apreciação da obra camoniana.

A edição do teatro de Camões, com prefácio, fixação de texto e notas de Sérgio Guimarães de Sousa, insere-se no grupo das iniciativas editoriais que celebram o legado do grande génio quinhentista, fixando-se no conjunto da sua obra a que normalmente é dada menor atenção: a produção dramática. De facto, o teatro camoniano é tradicionalmente a parte menos valorizada da sua criação literária, o que se reflete tanto no número reduzido de edições ao longo dos séculos quanto no limitado acervo de estudos críticos dedicados a essa vertente, sobretudo quando comparados à vasta atenção dirigida à sua poesia lírica e épica. A excelência de *Os Lusíadas* e das *Rimas* é tamanha que tende a ofuscar o valor dos textos dramáticos. Cumulativamente, se *Os Lusíadas* se afirmam como a obra mais relevante da literatura portuguesa do século XVI e as *Rimas* consolidam Camões como o poeta lírico mais destacado de seu tempo, no campo da escrita dramática outros autores tardo-medievais

e renascentistas sobressaíram, como Gil Vicente, apresentado como modelo e exemplo do teatro de toda uma época, e António Ferreira, cuja tragédia *Castro* é um exemplo notável de imitação elevada dos modelos greco-latinos. No entanto, o teatro de Camões possui uma importância considerável, não apenas por oferecer uma visão mais abrangente da sua obra, revelando temas e motivos recorrentes e ilustrando práticas de sociabilidade cortesã, mas também por constituir uma peça fundamental para a história do teatro em Portugal, contribuindo para delinear as características da dramaturgia portuguesa de Quinhentos.

Luís de Camões é autor de três peças de teatro, tradicionalmente classificadas como *autos* ou *comédias*: *Auto dos Enfatriões*, *Comédia d'El-Rei Seleuco* e *Auto de Filodemo*. Não há registos de documentos autógrafos dessas obras, nem evidências de que alguma tenha sido publicada durante a vida do autor. Cumulativamente, os textos que nos chegaram percorreram trajetos editoriais distintos. *Enfatriões* e *Filodemo* foram impressos pela primeira vez no século XVI, em 1587, poucos anos após a morte de Camões, num volume miscelâneo que incluía também peças de outros dramaturgos contemporâneos, como António Prestes, Anrique Lopes e Jerónimo Ribeiro. Já *El-Rei Seleuco* permaneceu desconhecida até 1645, quando Paulo Craesbeeck a incluiu na edição das *Rimas*, publicada juntamente com a poesia lírica de Camões. Além dessas edições impressas, existe também uma versão manuscrita de *Filodemo*, preservada num cancionero de mão compilado na Índia portuguesa por Luís Franco Correa, que se autointitula “companheiro e muito amigo de Luís de Camões”. Esse manuscrito, conhecido pelo nome do compilador, está atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal, tendo dele sido feita, em do cancionero 1972, aquando das comemorações do IV centenário da publicação de *Os Lusíadas*, uma edição *fac-similada*. A partir das edições dos séculos XVI e XVII, várias outras foram lançadas, especialmente depois do século XX, algumas reunindo as três peças, enquanto outras optaram por publicar cada uma delas separadamente.

A edição preparada por Sérgio Guimarães de Sousa baseia-se nos primeiros testemunhos conhecidos das peças de teatro de Camões, sem desconsiderar outras edições impressas ao longo do tempo, como as de Manuel Marques Braga (1928), Vieira de Almeida (1942, 1944), C. Pires de Lima (s.d.), José Cardoso e Domingos Guimarães de Sá (1980), Hernâni Cidade (1985), José Camões (2004), Vanda Anastácio (2005), Letícia Eirín Garcia (2008) e Maurizio Perugi (2018). Não se tratando de uma edição crítica, esta nova proposta não se compromete a registar sistematicamente todas as variantes textuais rastreáveis a partir das fontes consultadas. Ainda assim, tais edições serviram de referência para as decisões editoriais tomadas e para a

elaboração das numerosas notas que acompanham o texto camoniano, de natureza linguística, filológica e cultural. Essas notas são essenciais para a compreensão de muitos trechos que, sem elas, poderiam ser de difícil entendimento para o leitor contemporâneo. A grafia e a pontuação das versões mais antigas, próximas das datas de produção dos textos, podem parecer estranhas ao leitor atual, assim como o próprio vocabulário empregado e algumas referências contextuais podem tornar a interpretação mais opaca. Dessa forma, a presente edição busca oferecer um texto acessível, preservando a integridade da obra camoniana e facilitando o entendimento da sua linguagem e contexto.

Na verdade, a linguagem empregada no teatro de Camões é, sem dúvida, um dos seus maiores atrativos, mas também representa um dos principais obstáculos para uma leitura fluida por parte dos leitores contemporâneos. Como autor dramático, Camões demonstra um domínio hábil da língua portuguesa, que, sob sua influência, se desenvolveu de forma inédita, adquirindo características lexicais e sintáticas que ainda hoje reconhecemos no idioma. Ele utiliza a língua como um recurso para caracterizar personagens de diferentes origens sociais e níveis de instrução, recorrendo frequentemente a idiomatismos, como provérbios, frases feitas e adágios, muitos dos quais caíram em desuso. Essa particularidade da linguagem camoniana é ainda mais complexa devido ao uso do bilinguismo, prática comum entre autores portugueses do século XVI, que empregavam o português e o castelhano de forma indistinta para fins literários.

Sérgio Guimarães de Sousa reconhece esses desafios na sua edição ao modernizar a ortografia, atualizar a pontuação, expandir abreviaturas e regularizar variações gráficas, critérios que detalha no prefácio da obra. Essas escolhas editoriais, que visam facilitar a compreensão do texto, seguem práticas amplamente aceitas para a atualização de textos antigos. Contudo, algumas decisões, como a de “[retificar] particularidades linguísticas da época, como o fenómeno do betacismo” e de “[converter] para castelhano palavras e grafias portuguesas” (p. 10), podem levantar questões críticas, na medida em que tais intervenções correm o risco de alterar a autenticidade do texto camoniano. Embora essas modificações visem tornar o texto mais acessível, elas podem obstar à preservação das especificidades linguísticas originais da obra.

Destaque-se ainda, em comparação com edições anteriores do teatro completo de Camões, a decisão editorial de apresentar ao leitor duas versões do *Auto de Filodemo*: uma baseada na tradição impressa e outra no testemunho manuscrito. Segundo o editor, essa escolha justifica-se “pela falta do arquétipo e pelo facto de estes dois testemunhos quinhentistas

apresentarem consideráveis diferenças" (p. 8). Dado que não é possível, com rigor, determinar qual das versões se aproxima mais da última redação desejada pelo autor, a opção de incluir ambas revela-se particularmente acertada. Além de enriquecer a compreensão do texto, permite comparar duas versões que apresentam diferenças significativas, muito provavelmente resultantes da intervenção do crivo do censor, destinado a suprimir passagens ou referências consideradas impróprias ou contrárias à moral e aos bons costumes da época.

É sabido que uma das formas mais eficazes e significativas de homenagear um autor clássico é assegurar que as suas obras sejam acessíveis às gerações sucessivas de leitores. Disponibilizar edições atualizadas, de fácil leitura e graficamente atrativas, é essencial para que todos os interessados, independentemente do tempo em que vivam, possam ter um acesso direto aos textos. A manutenção de edições modernas e acessíveis no mercado, a preços razoáveis, é uma condição *sine qua non* para garantir a pervivência de grandes autores no centro do cânone literário. Edições que sejam claras, atualizadas e contextualizadas ajudam a preservar o legado dos grandes escritores, tornando as suas obras compreensíveis e atraentes, nomeadamente para públicos escolares e não especializados. No caso de autores antigos, cuja linguagem, referências culturais e contextos históricos podem apresentar desafios para o leitor contemporâneo, o trabalho editorial é ainda mais crucial. A elaboração cuidadosa de notas explicativas, a atualização da ortografia e a modernização da pontuação são práticas que facilitam o entendimento e ampliam o alcance das obras. Além disso, essas edições oferecem um diálogo renovado entre o presente e o passado literário, permitindo que as vozes desses autores continuem a ser ouvidas e apreciadas.

Esta nova edição do teatro camoniano, lançada pela Assírio & Alvim no ano em que se celebra o quinto centenário do nascimento de Luís de Camões, cumpre com rigor e dedicação esse propósito. Ao tornar acessível a obra dramática do poeta, frequentemente ofuscada pelas suas criações épica e lírica, esta edição representa uma homenagem justa e necessária. Ela não apenas celebra a memória de Camões, mas também reafirma a importância da sua contribuição para a literatura universal, garantindo que seu legado continue vivo no imaginário dos leitores e nas leituras futuras. Edições o seu como esta desempenham um papel vital na preservação e difusão do património literário, honrando a genialidade dos grandes nomes da literatura e perpetuando a sua relevância através dos tempos.